

O DIÁLOGO ENTRE RAZÃO E FÉ EM TOMÁS DE AQUINO

13
aula

META

Expor as principais questões da filosofia em Tomás de Aquino.

OBJETIVOS

Ao final da aula, o aluno deverá:
identificar as principais características da filosofia tomista; e
definir a leitura tomista do *corpus* aristotélico.

PRÉ-REQUISITOS

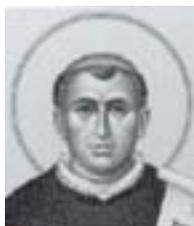
O aluno deverá ter noções sobre os problemas filosóficos presentes na obra de agostinho de Hipona.



Apoteose de São Tomás de Aquino, pintura, Francisco de Zurbarán, 1631, Museu de Belas Artes de Sevilha-Espanha. (Fonte: <http://bp1.blogger.com>).

Tomás de Aquino é, sem dúvida, um dos pensadores mais importantes da Filosofia medieval. Nascido entre os anos de 1224 e 1225 em Roccasecca (Itália), era dono de um caráter descrito, algumas vezes como rebelde, quando, por exemplo,

INTRODUÇÃO



Tomás de Aquino

Foi um dos maiores expoentes da Escolástica medieval. (1225-1274).



Alberto Magno

Grande teólogo e filósofo medieval. Mestre de Tomás de Aquino. (1193 ou 1206)

entrou a revelia da família para a Ordem dominicana, e outras como sereno e concentrado. Uma data decisiva, dentro da biografia de Aquino, é seu encontro em 1245 com **Alberto**

Magno em Paris. Como seu fiel discípulo, acompanhou o mestre durante sua estância em Colônia de 1248 até 1252, quando regressou a Paris.

Sua obra é vasta e expressa o espírito acadêmico característico dos dominicanos, ou seja: *contemplata aliis tradere*. Teólogo, místico, filósofo, Tomás soube conciliar vida ativa e vida contemplativa.



(Fonte: <http://www.fiocruz.br>).

Conhecido, principalmente, pelo método de provas e objeções presente na sua mais importante obra a *Suma teológica* e pela sua raiz aristotélica, seu pensamento é muito mais que um comentário ou desvirtuamento da Filosofia de Aristóteles. Diríamos que se trata de uma leitura determinante que possibilitou, graças à junção de elementos agostinianos e platônico-aristotélicos, fundamentar as principais questões da teologia cristã. É importante ressaltar que a relação entre Tomás e o **aristotelismo** não é totalmente pacífica.

A escolástica teve que combater, graças aos ataques de Averróis, as teses aristotélicas tão bem aceitas na Universidade de Paris. Foi contra a leitura racionalista mulçumana árabe, que inviabilizava toda possibilidade de diálogo entre filosofia aristotélica e a fé cristã, que se dirigiram as críticas de Tomás de Aquino.

Que racionalismo foi esse? Contrariando uma visão associativa entre a filosofia aristotélica e o texto sagrado (islâmico ou cristão) que encontramos, através dos viés neoplatônicos, presentes em Avicena e **Averróis**, os averroístas foram capazes, por isso incomodaram, de separar filosofia e religião promovendo, assim, uma profunda crise teórica durante século XIII. Diversas condenações foram ditas contra a tentativa de estabelecimento de uma filosofia autônoma.

No fundo, a crença, por parte da religião, da superioridade da ordem sobrenatural ao mundo físico, inviabilizava toda tentativa de estabelecimento de uma origem naturalista para o conhecimento. É neste ambiente que Tomás de Aquino se insere como inovador e conciliador frente à crise estabelecida pela filosofia árabe. Dentre todos os pensadores criticados, Averróis foi o que mais ataques sofreu. As fortes palavras de Petrarca (1304-1374) ilustram bem o que estamos dizendo: “*Averróis, aquele cachorro raivoso que, movido por um abominável furor, latiu contra Cristo seu Senhor e contra a fé católica*” (Alonso: 1998, p. X).

É preciso ressaltar que, embora discordando de muitos aspectos da leitura averroísta, Tomás foi capaz de conciliar e manter-se

RAZÃO E FÉ

Aristotelismo

Corrente filosófica derivado da leitura das obras de Aristóteles.



Averróis

Nascido em Córdoba/Espanha. (1126-1198 d.C). foi um dos responsáveis direto pela introdução do pensamento aristotélico na Europa. Além de comentarior dos textos de Aristóteles, Averróis escreveu obras sobre: Medicina, Teologia, Astronomia e Direito.

autônomo, tanto com relação ao pensamento de Averróis como do próprio Aristóteles. Como exemplo desta harmonia entre aristotelismo e cristianismo, temos as célebres provas ou vias para a existência de Deus, que serão objetos desta nossa aula.

Inatismo

Doutrina que defende a existência de idéias inatas.



João Damasceno

Nasceu em Damasco em 675 e morreu em 749; foi um dos maiores teólogos do seu tempo. Escreveu o primeiro tratado de teologia sistemática.

Antes de adentrarmos nas provas da existência de Deus, nos parece interessante confrontar a argumentação de Tomás de Aquino frente às demais provas em voga na época, particularmente as apresentadas na *Suma*, ou seja: a *prova do “inatismo”* de **João Damasceno** e a *proposicional* de Anselmo de Cantuária.

O que diferencia as provas elaboradas por Tomás de Aquino dos demais argumentos propostos? Sigamos o texto da *Suma*. Na *questão II, art. I*, Tomás critica três concepções ou argumentos acerca da evidência divina, são eles:

- a) João Damasceno (676-749) que diz: “Parece que a existência de Deus é conhecida por si mesma”.
- b) Anselmo de Cantuária que afirma ser Deus: “o ser maior que o qual nada possa ser pensado”.
- c) E a prova tomada como “artigo de fé”.

Cumprido dizer que não se trata, com as provas, de questionar a existência de Deus, já que para Tomás este fato é evidente, mas demonstrar sua existência através de um conhecimento não unívoco nem equívoco, mas análogo. Diz ele na *Suma*, II, 1:

Que a proposição *Deus existe*, quanto à sua natureza, é evidente, pois o predicado se identifica com o sujeito, sendo Deus o seu ser, como adiante se verá. Mas, como não sabemos o que é Deus, ela não nos é por si evidente, mas necessita de ser demonstrada, pelos efeitos mais conhecidos de nós e menos conhecidos por natureza.

Para responder à primeira tese - sustentada por João Damasceno- Tomás de Aquino formula a seguinte objeção: a) De dois modos pode uma coisa ser conhecida *por si*: a) absolutamente, e não relativamente a nós; b) absolutamente e relativo a nós.

Segundo ele, para que algo seja conhecido por si é necessário que o predicado esteja no sujeito como, por exemplo: o *homem é animal*. Caso seja conhecido por todos o que é o *predicado* e o *sujeito*, tal proposição, dirá Tomás, será evidente para todos. No entanto, como não sabemos o *que é Deus*, a proposição Deus existe, como dissemos, é *válida*, pois Deus é o ser e identifica-se com o predicado, mas não é *evidente*. O que Damasceno chama de “evidência”, Tomás classifica de desejo. Deus, por ser a felicidade do homem, é desejado, mas isso não deve ser confundido com *conhecido*.

Com relação à segunda tese, diz ele: “Talvez quem ouve o nome de Deus não o entende como significando o ser, maior que o qual nada possa ser pensado; pois alguns acreditam ser Deus corpo.” Como podemos constatar, é o retorno da objeção feita por Gaunilo no *Proslógio*, isto é, o fato de alguém escutar o *nome* de Deus não implica sua evidência *real*, mas somente no *intelecto* (sed in apprehensione intellectus tantum).

Com respeito à terceira prova – Deus é evidente pela fé –, a resposta é imediata: as coisas da fé não são demonstráveis (Sed ea quae sunt fidei, non sunt demonstrabilia).

Para Aquino, a demonstração é possível por dois modos ou espécies (Respondeo dicendum quod duplex est demonstratio) que são: pelas *causas* (per causam) ou *princípios* e pelos *efeitos* (per effectum). Defende o filósofo que pelo efeito pode-se conhecer melhor a causa já que o efeito é mais *conhecido que a causa*.

Podemos concluir que Tomás de Aquino defende o conhecimento de Deus, embora não na sua essência, pela via da causalidade e dos efeitos. Dito isso, passemos para o argumento de Tomás.

Visando uma melhor compreensão do tema faremos, primeiramente, uma exposição simultânea de alguns textos da *Física* e da *Metafísica* aristotélicas e, algumas passagens da *Suma Teológica* para, em seguida, expor o comentário dos argumentos utilizados pelo *Doctor angelicus*.

Como podemos perceber, é na obra aristotélica que Tomás encontrará os elementos necessários para formular a sua primeira prova da existência de Deus, diz ele:



Anselmo de Cantuária

Escreveu, entre outras obras, dois opúsculos intitulados: *Monologion* e *Proslogion* nos quais demonstra a existência de Deus apoiando-se exclusivamente e, argumentos de ordem racional.

A mais manifesta (prova) é a que procede *do movimento*; pois é certo e verificado pelos sentidos (*sensu constat*), que alguns seres são movidos neste mundo. Todo o movido por outro o é. Porque nada é movido senão enquanto potencial (*potentia*), relativamente àquilo a que é movido, e um ser move enquanto em ato. Pois mover não é senão levar alguma coisa da potencia ao ato

O argumento segue, em linhas gerais, as conseqüências da evidência do movimento (no mundo). Segundo Aristóteles, é tarefa da filosofia indagar sobre o princípio do movimento e, sendo ele eterno, qual seria seu primeiro motor?

Etienne Gilson nos lembra o papel que a realidade sensível desempenha nas provas, isto é, o universo requer uma explicação causal que garanta a estabilidade frente ao perpétuo devir

(GILSON, 1995, p. 658). Embora o argumento do primeiro motor seja de fácil captação, possibilita algumas questões como, por exemplo: a) toda coisa é, de fato, movida por outra? b) É possível remontarmos ao infinito na série de coisas que movem e que são movidas?

Aristóteles, como dissemos, não via dificuldades em afirmar que tudo que se move é necessariamente movido por algo. Caso contrário, teríamos que admitir a incognoscibilidade nos processos, isto é, como determinar que, por exemplo, estivesse no fogo mesmo a causa de seu subir e baixar sem pressupor o absurdo desta afirmação?

(Aristóteles, *Física*, I, 242a). A impossibilidade lógica de que algo possa ser, ao mesmo tempo, causa motora e movida (*movens et motum*) leva Tomás, seguindo os passos de Aristóteles, afirmar a existência de uma *causa primeira imóvel*



Planeta Terra visto da lua. (Fonte: <http://celulasdecombustivel.planetaclix.pt>).

que é Deus. O postulado da existência de Deus como motor imóvel, segue de perto outra argumentação aristotélica presente também na *Física* VIII, 267b.23 que diz:

É impossível que o primeiro que move e que é imóvel tenha alguma magnitude. Em efeito, se tivesse magnitude, seria necessário que ou bem fosse ele mesmo finito ou infinito. Que não é possível haver uma magnitude infinita, ficou demonstrado antes nos livros escritos sobre a natureza; que é impossível que em virtude de algo finito se mova algo por tempo infinito, se acaba de demonstrar. O primeiro motor coloca em movimento um movimento eterno e por tempo infinito. *Portanto, está claro que é indivisível, que não tem nem partes nem magnitude.*

Chegamos, assim, à segunda questão levantada, ou seja, na impossibilidade de se remontar **ad infinitum** chega-se a causa primeira, dado que, para Aristóteles, nada se move ao azar, mas sempre tem que haver algum princípio. A última parte do argumento de Tomás está em perfeita sintonia com a passagem XII, 7, 1072a.25 da *Metafísica*, diz Aristóteles:

É posto que o que se move e move é intermediário, tem que haver algo que, sem mover-se, mova, que seja eterno, substância e ato.

Diz Tomás:

Ora, se não haveria nenhum primeiro motor e, por conseqüência, outro qualquer; pois, os motores segundos não movem, senão movidos pelo primeiro, como não move o báculo sem ser movido pela mão. Logo é necessário chegar a um primeiro motor, de nenhum outro movido, ao qual todos dão o nome de Deus.

Para finalizar este primeiro argumento, é importante perceber a intrínseca relação temática entre o problema do movimento e a relação *ato-potência*. Tanto para Aristóteles quanto para

Ad infinitum

Expressão latina utilizada como sinônimo de algo sem fim. Literalmente significa: até o infinito

Tomás de Aquino uma coisa não pode ser ato e potência ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto; vejamos estas duas passagens:

Aristóteles *Phy.* VIII, 257 b, 5-10: “Está definido que somente o mutável muda, ou seja, o potencialmente mutável, mas não o que está em ato”.

Tomás de Aquino: “nada é movido senão enquanto potencial relativamente àquilo a que é movido, e um ser move enquanto em ato”.

Nesta perspectiva, reafirmamos mais uma vez que nada é ato e potência, motor e movido sob o mesmo aspecto. É fundamental perceber que entre o Deus cristão e o Deus motor imóvel aristotélico existem diferenças substanciais que não discutiremos aqui, mas que requer bastante cuidado para não cometermos anacronismos.

Uma outra passagem do opúsculo *De principiis naturae* nos ajuda a entender esta primeira prova, diz Tomás: “De fato, o que existe, em potência não pode por si mesmo passar a ato, tal como o

Tomismo refere-se ao pensamento de Tomás de Aquino.

cobre que existe em potência para ser estátua não se faz por si mesmo estátua, mas precisa de um operador para que a forma da estátua saia da potência ao ato”.

Passemos para o segundo argumento ou prova: a natureza da *causa eficiente*. Aristóteles afirma no passo da *Metafísica* 994a. 2 que é *evidente que há um princípio e que não são infinitas as causas dos entes*. O que isso quer dizer? A guisa de resposta diríamos que é impossível, em qualquer nível causal (material, eficiente, final ou formal) pressupor um processo infinito. Cumpre observar que no texto aristotélico não há referência à causa *eficiente*, mas sim a causa *motora*. Esta observação é importante porque, como dissemos no início, Averróis criticará a adequação entre causa eficiente e motora realizada por Avicena. Vejamos os exemplos dados por Aristóteles que nos ajudam a entender sua teoria das causas presente na *Metafísica* II, 2994 a:

- a) Material : “ *é impossível que uma coisa proceda de outra até o infinito (por exemplo, a carne da terra, a terra do ar, o ar do fogo, e assim incessantemente)*”.
- b) Motora: “*que o homem seja posto em movimento pelo ar, e este pelo sol e o sol pelo ódio, etc.*”.
- c) Final: “*não é possível que aquilo em vista do qual se faz algo proceda ao infinito*”; *que o passear seja em vista da saúde, e esta em vista da felicidade, e a felicidade em vista de outra coisa, e que assim sempre uma coisa seja em vista de outra*”.
- d) Formal: “*se não há nenhum termo primeiro, não há em absoluto nenhuma causa*”.

Leiamos o argumento de Tomás de Aquino sobre estes pontos:

Descobrimos que há certa ordem das causas eficientes nos seres sensíveis; porém não concebemos, nem é possível que uma coisa seja causa eficiente de si própria, pois seria anterior a si mesma; o que não pode ser. Mas, é impossível, nas causas eficientes proceder-se até o infinito; pois, em todas as causas eficientes ordenadas, a primeira é causa da média e esta, da última, sejam as médias muitas ou uma só; (...) é necessário admitir uma causa eficiente primeira, à qual todos dão o nome de Deus.



Big bang.(Fonte: <http://www.biblelife.org>).

Está claro que na base geral destes dois argumentos reside a negação do processo *ad infinitum*, embora não possamos dizer que temos uma redução das cinco vias a um argumento dividido em cinco partes.

A terceira prova se baseia no *possível* e no *necessário* (ex possibili et necessário). Ou seja, vemos que certas coisas podem ser e não ser, podendo ser geradas e corrompidas. Ora, impossível é existir sempre todos os seres de tal natureza, pois o que pode não ser, algum tempo não foi. Se, portanto, todas as coisas podem não ser, algum tempo nenhuma existia. Mas, se tal fosse verdade, ainda agora nada existiria, pois o que não é só pode começar a existir por uma coisa já existente; ora, nenhum ente existindo, é impossível que algum comece a existir, e portanto, nada existiria, o que, evidentemente, é falso. Logo, nem todos os seres são possíveis, mas é forçoso que algum dentre eles seja necessário. Ora, tudo o que é necessário ou tem de fora a causa da sua necessidade ou não a tem. Mas não é possível proceder ao infinito, nos seres necessários, que tem a causa da própria necessidade, como também o não é nas causas eficientes, como já se provou. Por onde é forçoso admitir um ser por si necessário, não tendo de fora a causa da sua necessidade, antes, sendo a causa da necessidade dos outros; e a tal ser, todos chamam Deus.



Podemos exemplificar esta prova da seguinte maneira:

- a) O *possível* é contingente – pode ser ou não ser – contrário, portanto, ao *necessário*.
- b) O possível não tem sua existência por si mesmo, mas por uma causa eficiente.
- c) Logo o necessário existe – é o

que chamamos Deus.

O argumento se mantém na estrutura anterior de redução causal, mas acrescenta um detalhe novo, a saber: *nenhum ente existindo, é impossível que algum comece a existir*; esta afirmação nos conduz a um problema que está presente na tradição de pensadores como Alfarabi, Avicena e no pensamento judeu de **Maimônides**, e que diz respeito à distinção entre *essência* e *exis-*

tência nas coisas criadas, isto é, alguns seres nascem e padecem graças à sustentação de um ser que *sempre é*: Deus.

Esta conclusão se alinha perfeitamente com a terceira prova de Tomás, ou seja, *se todas as coisas podem não ser, em algum tempo nenhuma existia*.

A refutação deste argumento segue os já apresentados na *Suma*, ou seja, *tudo o que é tem sua causa naquele que é o grau máximo e verdadeiro* (máxime et verissime).

Segundo o filósofo, o que é *causado* não pode existir sempre porque isso significaria que a potência passiva existiu sempre.

A quarta prova da existência de Deus se fundamenta nos *graus que se encontram nas coisas*. A referência aristotélica para esta tese Tomás encontrará na *Metafísica* de Aristóteles Livro II, 993b 19-31: “*De modo que cada coisa tem verdade na mesma medida em que tem ser*”. A referência aristotélica possibilita, a Tomás, pensar em um grau hierárquico que tem como base a adequação entre *ser* e *verdade*. Diz ele: “*assim, nelas se encontram em proporção maior ou menor o bem, a verdade, a nobreza e outros atributos semelhantes*”. A reflexão que bem poderia ser platônico-agostiniana, defende a existência de um *ser máximo*. É interessante observar o ponto inicial do argumento, ou seja: a verdade só ganha sentido se pensada em relação ao verdadeiro. O que isso significa? Nas palavras do filósofo, o mais cálido é o que se aproxima do *maximamente cálido*. Como consequência, teríamos que admitir a existência de algo *maximamente verdadeiro* e, conseqüentemente, *maximamente ser*. Esta formulação se encontra também em Aristóteles *Metafísica* IV, 1009 a, 33-35:

Além do mais, ainda que todas as coisas fossem em sumo grau assim e não assim, o mais e o menos são inerentes a natureza dos entes (...). Por conseguinte, se o que é mais uma coisa está mais próximo dela, haverá ao menos algo verdadeiro, do qual estará mais próximo o que é mais verdadeiro.

Em perfeita sintonia com o texto aristotélico lemos no *O ente e a essência*:



Moses Maimónides

Nasceu em Córdoba (Espanha) em 1138 e morreu em 1204. Um dos grandes expoentes do pensamento judaico.

Aquilo que é denominado o máximo e o mais verdadeiramente em qualquer gênero é causa dos que estão depois naquele gênero, assim como o fogo, que está no limite da natureza, é causa do calor nas coisas quentes, como se diz no livro II da *Metafísica*.

Como Tomás propôs demonstrar a existência de Deus *a partir dos graus que se encontram nas coisas* e, para tanto, utilizou o exemplo do fogo (“O fogo, maximamente cálido, é causa de todos os cálidos”) poderíamos dizer, seguindo este procedimento, que: do mesmo modo que a bondade é causa de todo bem, existirá um ser que é *sumamente bem* e causa de todo bem e bondade. Esta prova, que possui claros traços ontológicos e idealistas, difere bastante das demais apresentadas na *Suma* e fomentou diversas críticas com relação ao método seguido pelo autor.

A questão seria basicamente a seguinte: estaria Tomás de Aquino tratando de um *ser transcendente* e absoluto ou *relativo* às coisas? Entender que nas coisas existe uma relação hierárquica é simples, o problema estaria em postular, a partir desta constatação, um *grau supremo de ser*, o que

implicaria passar do *máximo relativo* (o maximamente cálido) ao *máximo absoluto* (Deus), coisa que o realismo moderado de Tomás não permitiria.

A solução para este problema nos parece interessante, embora não de todo resolvido, consiste em pensar que, para Tomás, o sensível não significa somente as coisas materiais. O sensível está constituído de *matéria* e *forma inteligível* e, neste sentido, é possível abstrair, a partir das coisas sensíveis, uma prova do *puramente inteligível*.

Se for correta esta afirmação, nada mais coerente com o esforço tomista do que buscar, a partir das coisas boas, nobres e belas do universo uma causa primeira.

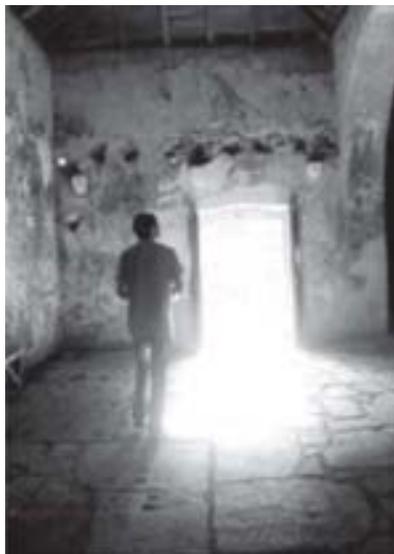


Deus criando o universo seguindo os princípios geométricos. (Fonte: <http://www.arikah.net>).

A quinta e última prova se pauta no *governo das coisas* (ex gubernatione rerum). Diz o filósofo:

A quinta procede do governo das coisas – Pois, vemos que algumas, como os corpos naturais, carentes de conhecimento, operam em vista de um fim; o que se conclui de operarem sempre ou freqüentemente do mesmo modo, para conseguirem o que é ótimo; donde resulta, que chegam ao fim sem serem dirigidos por um ente conhecedor e inteligente, como a seta, pelo arqueiro. Logo, há um ser inteligente, pelo qual todas as coisas naturais se ordenam ao fim, e a que chamamos Deus.

É importante ressaltar que esta prova, contrariamente as demais, não tem uma referência histórico-filosófica precisa, posto que era comum, tanto nos textos bíblicos como em muitos pensadores cristãos, referências a um Deus criador e ordenador de todo o universo. Em linhas gerais, este argumento tem como ponto basilar a necessidade de uma *inteligência ordenadora* que garanta a ordem das coisas. A harmonia presente na natureza é, para Tomás, a prova de uma causa final que justifica, não apenas a razão de uma ordem na natureza, mas a razão pela qual a natureza existe.



Porta aberta. (Fonte: <http://bp1.blogger.com>).

Como podemos constatar, caro aluno, a filosofia de Tomás de Aquino tem como base fundamental a sua compreensão da obra de Aristóteles. Movido pelo espírito de “sistemização” que caracteriza o pensamento do estagirita, Tomás conseguiu formular uma reflexão sobre o divino a partir de um método “demonstrativo racional”, isto é, sem apelo a

CONCLUSÃO

fé. É bem verdade que não podemos afirmar a total fidelidade do pensamento de Tomás para com a filosofia aristotélica. Tomás de Aquino, como cristão, se apoderou do sistema filosófico aristotélico baseando-se na relação causa-efeito, para justificar, algo impossível em Aristóteles, a ação de um Deus que é princípio e fim de toda criação.

RESUMO



A característica maior do pensamento de Tomás de Aquino reside no seu aspecto “racionalista”. As verdades reveladas não são, para Tomás, incompatíveis com a reflexão racional. Neste sentido, nosso filósofo formulou, graças ao pensamento aristotélico, as cinco provas racionais para a existência de Deus. Resumidamente diríamos que: se para cada efeito existe uma causa que o precede, Deus é causa de toda geração e fim de todo ser.

ATIVIDADES



1. A partir da leitura do texto, exponha as 5 vias para a demonstração da existência de Deus segundo Tomás de Aquino.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para responder bem esta questão é importante demonstrar a influência do pensamento de Aristóteles na obra de Tomás de Aquino. Neste caso, observe em que medida a teoria das causas de Aristóteles se aproxima da noção de Deus como princípio e fim.

PRÓXIMA AULA



Na aula a seguir, será apresentado o surgimento do pensamento científico moderno a partir da crítica de Galileu ao racionalismo dogmático.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, P. M. *Teologia de Averroes, Introducción*. Córdoba. 1998.
- AQUINO, T. *Princípios da realidade natural*. Trad. Henrique Pinto Rema. Porto: Elementos Sudoeste, 2003.
- FORMENT, E. *Santo Tomás de Aquino, el orden del ser. Antología filosófica*. Madrid: Tecnos, 2003.
- GILSON, E. *A filosofia na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GILSON, E. *El tomismo. Introducción a la filosofía de Santo Tomás de Aquino*, trad. Fernando Múgica Martinema. Pamplona: EUNSA, 2000.